

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

N.º 80 — LISBOA, 21 DE JULHO

2.º ANNO 1934

Publica-se ás quintas-feiras  
Toda a correspondencia deve ser  
dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**

PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 86, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs. | Brazil, anno 52 numeros... 25500 rs.  
Semestre, 26 numeros... 8500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.  
Cobrança pelo correio... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 15800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data;  
tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**

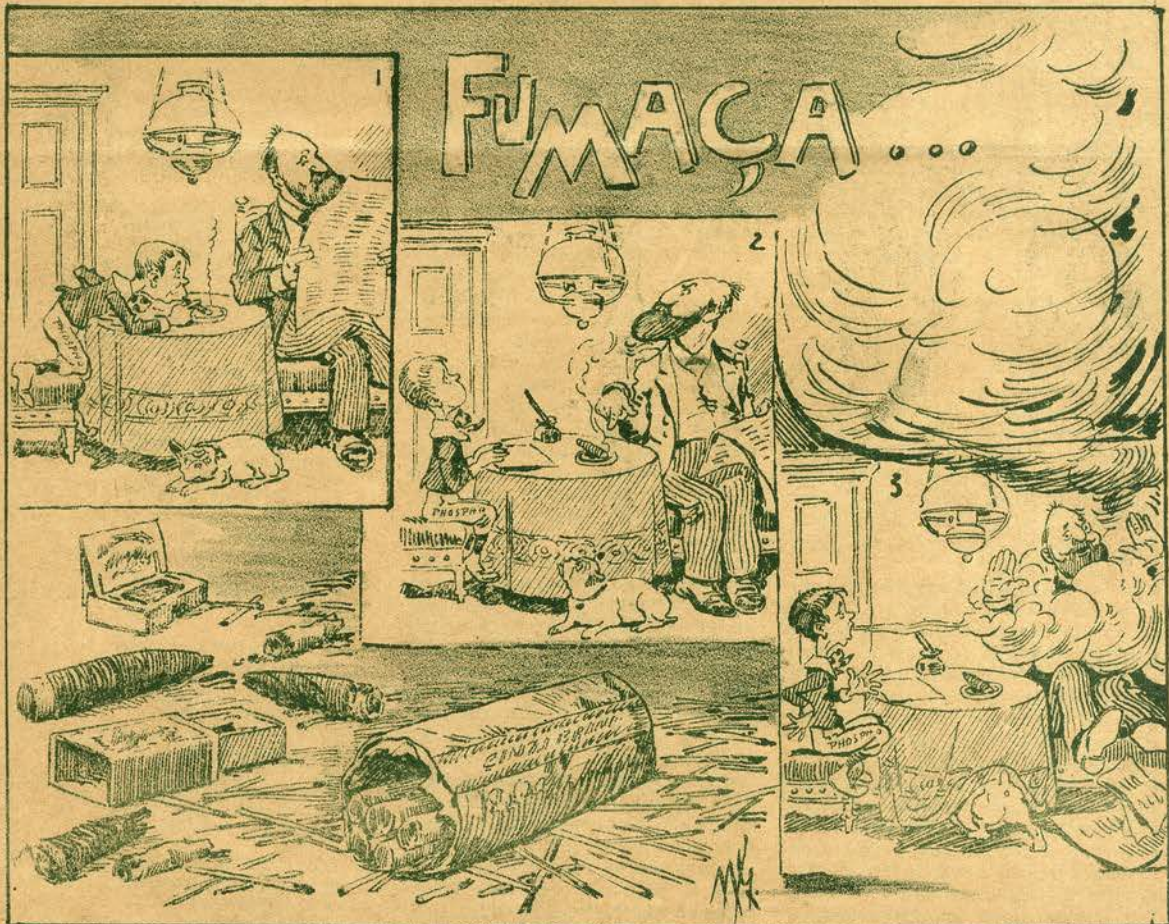
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

**Lithographia Artistica**

Rua do Almada, 32 e 33

## TABACOS E PHOSPHOROS



- 1 — Que rico charuto!...
- 2 — Aqui não se meche...
- 3 — Eu bem te dizia...

— Eu fumo e tu... engasgas-te!!



## TABACOS — HABILITADO

Os jornaes estão vivamente empenhados na questão do monopolio e nós não podemos ainda verificar quaes são os que se collocam do lado dos tabacos e quaes os que se collocam do lado dos phosphoros: o que vemos é que a questão interessa vivamente os jornaes.

Comtudo, se nos perguntassem a nós—e nós tambem somos um jornal, embora meramente critico—qual a nossa opinião sobre o monopolio, nós hesitariamos antes de a apresentar, porque reflectiríamos que uma opinião n'este caso (e este caso é o de todos os negocios) só poderia interessar o publico se nós fossomos, por exemplo, accionistas dos Phosphoros, ou dos Tabacos. A nosso vêr, como jornal, isto é como instrumento impessoal e generalizador de factos, a nossa opinião não teria um valor grande, ou pequeno, mas tão sómente um valor—nullo.

Ter uma opinião em todos os conflictos, sem excepção dos conflicts de interesses, é tomar partido. Tomar partido em negocios é negociar e a nossa acção só se exerce n'um mundo de especulações negociaveis.

Os jornaes de Lisboa tomam no entanto partido e os phosphoros parecem obter a maioria dos suffragios. Assevera-se que a proposta dos phosphoros é vantajosa para o Estado. Da discussão, o que deduzimos é que a proposta dos phosphoros é um bom negocio—para os phosphoros.

O que a desajudada mas sempre forte razão na realidade nos diz é que, se o monopolio da fabricação do tabaco é um bom negocio, não ha razão para que os outros o façam, se nós o podemos fazer. Aqui está com effeito um negocio excellente, de um exito certo e de um resultado surprehendente. O que faz o Estado, a quem elle de direito pertence? Dá-o aos outros! Onde é que se viu isto?—Quem tem um bom negocio na mão, guarda-o para si; explora-o e enriquece á sua sombra.

Um monopolio é sempre um antipathico attentado á liberdade, e a liberdade não é apenas o direito de pensar, escrever, reunir, deliberar... Muitas vezes é tambem o direito de fabricar e de vender charutos. Parece no entanto que esse direito é uma das prerogativas dos Estados modernos, porque um grande numero d'elles o chama systematicamente a si. Diriamos que no plano da revolução que conquistou para o homem tantos direitos, ficou excluido o direito de vender tabaco. Levár para o seu tabaco ainda lhe é permitido. Vendel-o não. Em todo o caso, fabricando e vendendo tabaco n'este regimen de

privilegio, o Estado augmenta os seus haveres e promove a sua prosperidade. No regimen da *régie*, os lucros admiraveis do monopolio refluem para a nação. São um sangue precioso que sae e entra e que, sempre renovado, incessantemente rega e retempera todos os organismos da nação. Comprar um masso de cigarros ou uma caixa de charutos, no regimen da *régie* é pagar ao Estado uma contribuição nova que lá vae apparecer sob a forma de soldados, de espingardas, de navios, de escolas, das mil instituições de utilidade que recompensam o homem dos sacrificios da solidariedade civica—e no fim de contas é grato pensar, soltando uma baforada de fumo, que se está assim fazendo obra patriótica.

O regimen da *régie* é portanto o unico regimen logico e vantajoso: logico porque sendo um bom negocio é um bom negocio que não se perde, e vantajoso porque os seus lucros inteiros revertem todos para a nação.

Mas o Estado desapossou-se dos tabacos. O Estado não sabe fabricar charutos. O Estado não sabe simplesmente enrolar um cigarro. O Estado não fuma. O Estado não tem vicios. Leilou os tabacos, poz em praça os tabacos. Vem então as empresas arrendatarias e concorrem a este excellente negocio. Nada nos move contra ellas, mas nada nol-as torna particularmente interessantes. Ellas fazem o seu negocio: estão no seu direito, mas não tem o direito de nos commover e apaixonar. Ao contrario, considerando a sua iniciativa, os seus lucros, que hão de vir, os seus dividendos que hão de dar, o sentimento que ellas podem inspirar-nos é o do despeito. Não se vê impassivelmente cair em outras mãos interesses que deviam ser nossos.

N'esta ordem de idéas não ha propostas melhores, ou peiores: todas são más. O Estado perde sempre, porque vae dividir interesses que deviam ser exclusivamente seus. Por muito vantajosas que sejam, essas propostas contem sempre o direito a um lucro que é d'elle e de que elle se priva.

Talvez se objecte no entanto—porque o espirito das especulações tem replica para tudo—que o regimen do monopolio garante ao Estado um rendimento que elle não saberia tirar se fizesse a exploração por sua conta; mas se isso é assim, o que isso prova é que o Estado não sabe administrar e nós temos então o direito de perguntar como é que os homens que occupam o poder são capazes de dirigir os negocios do Estado quando elles proprios se reconhecem incompetentes para dirigir simplesmente os de uma fabrica.

Se o monopolio dá dinheiro nas mãos de empresas particulares e não o dá nas mãos do Estado, o que ha

a pôr a concurso não é o monopolio dos tabacos:—é o monopolio do Estado.

No fim de contas era uma idéa—pôr em praça o poder. Não está elle já nas mãos de monopolistas? Tira-lo a esses e dal-o a outros. Governar a patria é um negocio. Quem pede reformadores? O que se pede são caixeiros. Preocupa porventura o atrazo intellectual, a dissolução dos caracteres? O que preoccupa é o cambio. Um concurso de cambistas. Que concorressem á administração do Estado o Campião ou o Testa e que entre os dois se escolhesse aquelle que o administrasse não diremos melhor, mas—mais barato.

Seria justo então que a imprensa manifestasse preferencia, sympathias e... palpites.

Agora não!

Nós, pelo menos, aqui o declaramos: nem jogamos nos phosphoros, nem nos tabacos.

Não nos habilitamos!

JOÃO RIMANSO.



### Eleições

Não houve o mais leve excesso  
N'estas eleições pacatas ;  
Tudo correu sem tropéço,  
Graças á lei do progresso  
E ao carneiro com batatas.

Muitos illustres regedores  
Cumpriram o seu mandato;  
E reverendos priores  
Attestam, entre louvores,  
A imponência d'aquelle acto.

Aquelles que dão a prova  
De mestres em taes assumptos,  
Affirmam, ao som de trova,  
Que até saíram da cova  
Para votar—os defuntos.

Não houve lista impingida,  
Menos promessa de emprego.  
Ou coisa assim parecida:  
Que vamos ter nova vida  
Já consta lá por Lamego.

Dizem todos, a uma voz,  
Que aos que veem na patria amiga  
Esganar o cão feroz...  
Já fartos estamos nós  
De lhes escutar a cantiga!..

Não importa! o patrio amor  
As vezes serve de escola;  
E o pass'ro, de qualquer côr,  
Póde ser melhor cantor  
Na mesmíssima gaiola.

Eu espero maravilhas  
Em proveito da nação;  
E, do pontal de Cacilhas,  
Marcho para o Quebra Bilhas  
A celebrar a eleição!

O bom Deus ha de valer  
A nação que tanto o adora;  
E, se Elle vida me der,  
Ainda espero de ver  
O cão co'a lingua de fóra!



## POBRES TYSICOS I

Dizem da Serra da Estrella que é cada vez maior a repugnância da população de Gouveia em acolher os tuberculosos que passam por ali em direcção aos sanatórios da Serra.

Tal facto—escreve um correspondente—chega a atingir a selvageria. E conta o seguinte:—«Ha dias, um doente, já depois de installado n'um quarto de uma hospedaria de Gouveia, quando tratava de descançar e preparar-se para a fastidiosissima jornada, foi intimado a sair, embora a pessoa que o acompanhava protestasse ter tomado o quarto com pleno assentimento do dono da tal estalagem, a quem fez sciente do estado do enfermo, obrigando-se a pagar no dia seguinte todas as desinfecções que o delegado exigisse. A deshumanidade persistiu até ao ponto de negarem agua ao doente. A autoridade administrativa interveio, dando razão ao doente, mas, triste coherencia, obrigando-o a sair ás 11 e meia da noite, para a esquadra de policia, por não haver casa alguma que o quizesse receber.»

Depois que a philantropia e a hygiene começaram a occupar-se dos tuberculosos, os tuberculosos são uns desgraçados.

Emquanto não se reparou n'elles, viveram e foram quasi felizes. Ainda a tuberculose não se chamava assim. Chamava-se — *tysica*, ou *ptystica*, e inspirava uma tão grande sympathia que, estar tysico era, para o effeito da solidariedade entre os homens, estar na bemaventurança. A tysica era uma enfermidade poetica. A poesia procurava n'ella as suas melhores inspirações. A litteratura, por sua vez, collocava-se sob o seu patronato. Simplesmente tossindo, Margarida Gauthier fez o exito da *Dama das Camélias*, e quem pensaria então em *isolar* este caso romantico de amor? Ao contrario, nunca a tysica foi tão contagiosa como sob a forma de paixão redemptora. Durante largos annos, sob o imperio de Dumas filho, toda a gente, mais ou menos, affectadamente tossiu, depoz em segredo no lenço um pouco de saliva. Escarrar sangue, hoje, é um stygma. N'esses tempos era um privilegio.

Sobrevem, no entanto, a philantropia, a tysica deixa a poesia, cae nas mãos dos hygienistas, e o tysico conhece a adversidade. A tysica entra, como as religiões, na phase da perseguição. A sociedade organisa-se contra a tysica. Procuram-se os tysicos, como outr'ora se procuravam os huguenotes, á luz de um archote, com uma espada na mão, e, onde está o tysico, está o inimigo. O tysico é sequestrado ao convívio social. Não o mandam para a cadeia, porque a cadeia é ainda a sociedade e é preciso proteger, mesmo os malfiteiros, do

contacto dos tysicos. Mandam-n'os para os hospitaes especiaes, mandam-n'os para os sanatorios, mandam-n'os para as montanhas inacessiveis, separam-n'os da familia, affastam-n'os das das creanças, quebram-lhes os pratos de que elles se serviram. Quem aluga casa a um tysico? Se um tysico consegue introduzir-se subrepticamente n'um hotel, n'um casino, ou simplesmente n'um restaurante, é o panico. Reclama-se a expulsão do tysico e meio mundo de banda espavorido. Um pouco mais e queimavam n'os como herejes.

Assim como os antigos fanaticos dissimulavam a sua fé, o tysico dissimula então a sua tysica. Esconde a sua pallidez e, sobretudo, suffoca a sua tosse. Ah! tossir é o maior dos perigos contemporaneos! Tossir uma vez ou duas, pôde ser um pigarro, mas tossir com frequencia é uma coisa infinitamente suspeita. Quando o tysico sente a irremissivel necessidade de tossir, pretexta incommodos passageiros, affasta-se, ausenta-se e vae tossir para algum lugar solitario em que ninguem o ouça. O seu pensamento é esconder a sua enfermidade, porque mostral-a é peor do que tel-a. Elle o sabe e antes quer tel-a reconditamente e morrer d'ella, do que correr os riscos sociaes de a dar a conhecer. A sociedade organisaada para se defender do tysico tambem o sabe, e, para que o tysico não lhe escape, determina a pesquisa do tysico. Na sua ultima sessão, a camara municipal de Lisboa assim o deliberou ordenando a pesquisa dos tysicos — *incipientes*. Esconder um tysico, é peor do que esconder um criminoso.

Os tysicos ficaram assim sendo infinitamente desgraçados, e ha uma coisa peor do que morrer, hoje em dia—é viver na consciencia d'esse ter-rivel mal.

Que sons são estes?

Que sons são estes que do Tejo a briza  
Trazer nos vem no sussurrar macio?...  
—São os carneiros que mandou Galiza  
Para a eleição, no seu melhor navio.

Que chiar é esse de noventa carros  
Com seus carreiros a fazer berratas?...  
—Pergunta áquelles galopins galfarros  
Que não se cançam a comprar batatas.

Que bulha é essa que no meu caminho  
A horas da noite oço partir d'além?...  
—E' um heróe que anda a ajustar o vinho  
Que ha de servir nas eleições que vem.

Se fala sério, meu amigo Claudio,  
Quero elevar as minhas mãos ao ceo;  
Dou cambalhotas, vou saltar de gaudío  
Porque o governo as eleições venceu!

Triste do Franco e do senhor Pencudo  
Que andam fazendo atroador motim!...  
Quem tem *carneiro eleitoral* tem tudo,  
Sempre assim foi... e ha de ser assim.

## Intimidades illustres

Não ha nada mais exposto ás curiosidades e indiscrições do mundo do que a vida e os habitos dos potentados da terra.

Talvez por existir ainda o preconceito de que os reis não são como toda a gente, ha sempre interesse em saber o que elles fazem e como se conduzem na intimidade, e eis aqui que os jornaes nos contam que a mãe de Alexandre III, imperatriz de todas as Russias, tomava banho em canja de gallinha e que o imperador Nicolau costumava deitar-se no chão ao lado do leito da rainha, sobre uma especie de sacco, cheio de feno fresco e coberto com uma manta de viagem.

Parece á primeira vista que estes detalhes intimos não tem importancia e em nada ajudam ao conhecimento das personalidades regias. Que importa saber como dorme Nicolau e como se banha a mãe de Alexandre?

No entanto, algumas vezes o conhecimento d'estes pequenos factos importa uma noção mais exacta dos individuos do que as mais documentadas, verbosas biographias.

Toda a gente sabe quem foi Luiz XVI—pela historia.

Pois bem! A historia não nos dá idéa alguma exacta de Luiz XVI.

O que é que nos faz conhecer a physionomia exacta d'esse rei destinado a um fim tão infeliz?

O seu *Diario*.

Luiz XVI (conta o curioso investigador, o doutor Cabanet, que citamos afim de authenticar o facto), tinha um *diario* e n'elle inscrevia methodicamente todos os successos do seu dia e as suas impressões. Ora, o que se imagina que elle escreveu n'esse *diario*, no dia da convocação dos Estados Geraes, isto é na hora critica em que a realza caia e o seu throno cambaleava?

N'esse dia, Luiz XVI escreveu simplesmente isto:—«A purga não fez effeito».

Mais do que toda a historia, esta purga define Luiz XVI e assim não foi indifferente saber que elle n'esse dia, tomou uma purga.

A municipal

Telegramma do Porto para o *Seculo*:

«Esta tarde, dentro do Matadouro, travaram-se de razões duas fressureiras, sendo necessario recorrer á intervenção de um guarda municipal para as apartar.

A guarda municipal em Portugal, serve para tudo—até para apartar fressureiras.



# O TERROR EM CASA OU A POLICIA POR DENTRO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO  
Entre os Rios - 15. Julho

—Antão esse jantar com seis centos méi diabos!!!  
—Lá vac, filho, lá vac... Toma ahí conta no pequeno...



**O fim da guerra**

Não está ainda averiguado se trinta mil japonezes foram pelos ares em Porto Arthur.

Se assim foi, ainda bem. — E' o fim da guerra.

O que alimenta a guerra é o preconceito da gloria militar. Destruam a gloria; a guerra cessa.

Uma hecatombe de trinta mil homens, não é a gloria—é um terramoto.

Não mais hymnos militares, não mais condecorações distribuidas no campo de batalha, não mais brilhantes relatorios! A gloria militar, encontra sempre meio de se cobrir—de gloria. Desde que ha guerra ha derrotas gloriosas. Ha um seculo que se grita por cima de todos os tectos este nome—Waterloo, e Waterloo é no fim de contas o que? — Um dar epico de calcanhares.

Assim, nenhuma illusão, nenhuma mentira, nenhum attractivo, nenhuma isca. Trinta mil homens é uma cidade populosa. Trinta mil homens é uma nação. Um morticínio em massa de trinta mil homens não se inscreve nos fastos da gloria militar. Não é já a guerra. E' a catastrophe.

Assim como não é glorioso perder trinta mil homens de uma só vez e de um só tiro, assim não é glorioso vêr ir para o fundo de uma só vez, um navio de guerra que estava destinado a servir para grandes coisas e que afinal não serviu para coisa alguma... senão para ir para o fundo

A catastrophe do *Petropalowsk* tambem é de natureza a fazer reflectir os guerreiros e as nações guerreiras. Ali, como nas trincheiras de Porto Arthur, nenhuma gloria. O couraçado tremendo não disparou um tiro, não recebeu um tiro, não combateu. Os seus heroes, que ainda não o tinham sido, estavam simplesmente á meza, palitando os dentes, almoçando. Que gloria cobre sequer as suas memorias de pobres victimas de um naufragio?

A guerra deixa assim de ter razão de ser, porque deixa de ser a guerra. Se os exercitos só servem para ser destruidos e se os navios estão destinados a perderem-se sem utilidade, a guerra não é já deshumana,—é disparatada.

A catastrophe de Porto Arthur seria, n'este sentido, um salutar aviso.

**Pombal**

O *Correio Nacional* diz que se oppõe á idéa do monumento ao marquez de Pombal, porque elle corresponde a uma manifestação religiosa. A isto contesta o *Dia* que o monumento a Pombal é uma homenagem ao reedificador de Lisboa.

Assim Pombal não passa como um reformador—passa como um mestre d'obras, E' a única maneira de o fazer engulir á posteridade.

**Gloriosa Albion**

A imprensa ingleza—dizem telegrammas de Londres—consagra palavras de justiça e de sympathia á memoria de Kruger e, em geral, affirma que é impossivel considerar a sua carreira sem admiração e o seu patriotico exilio, sem um sentimento de piedade.

Admiravel imprensa e admiravel nação!

A Inglaterra tem no mais alto gráo o sentimento da justiça. Ella conquista, ella extermina, ella destroe; mas, vencida a sua victima, ella não lhe guarda um antipathico rancor. Reconcilia-se, commove-se—Pobre victima da Inglaterra! Veste-se de preto e vae com uma lagrima ao canto do olho, depôr uma corôa sobre o seu tumulo.

A Inglaterra é um grande povo, e quando o mundo fôr todo seu o mundo pode ter, na sua derrota, esta grande consolação—A Inglaterra não lhe fica querendo mal.

O que a Inglaterra não pôde vêr com bons olhos é que se resista ao seu poder. A Inglaterra tem uma missão. Ha de cumpril-a. Essa missão é encher o mundo de riscados. Para a levar a cabo, a Inglaterra passa por cima de todas as considerações. Mas que o consiga, embora violentando, destruindo, exterminando, matando, e immediatamente a Inglaterra se torna excellente, *bon enfant, sans ran cune*, hospitaleira, equitativa, desprendida, generosa, mãos-rotas.

O que é verdadeiramente perigoso para os interesses humanos não é ser victima da Inglaterra.—E não ser victima d'ella.

Como victimas da Inglaterra não nos falta nada.—A Inglaterra faz tudo ás suas victimas—até os funeraes.

Grande povo.  
Gloriosa Albion!

**Os toureiros**

O *Seculo* da ultima segunda-feira assignala as sympathias dos toureiros. «A sympathia pelos toureiros—escreve aquelle jornal—está mais do que provada. Contam amigos aos centos, mas amigos verdadeiros e desinteressados, que não se poupam a despesas para comprar prendas.»

Realmente assim é. Uma pobre noiva casa e a sua *corbeille* é um bazar de tres vintens. Mas faz beneficio o toureiro e são contos de reis.

Pobres noivas!  
Felizes toureiros!

**VIERLING & C.ª, LIMITADA**

Cambio e papéis de credito

Praça do Municipio, 1, 2 e 3—Rua do Arsenal, 44 e 46

LISBOA

Endereço telegraphico Numero telephonico  
STERLING 611

**GUITARRA DA PARODIA****MOTE**

A cantar esqueço as dores  
Que n'esta vida soffri,  
Eu hei de morrer cantando  
Já que chorando nasci.

**GLOSA**

Amigo, não me persigas,  
Com repetidos apodos,  
Se passo meus dias todos  
Co'a guitarra das cantigas!...  
Negro fado me faz figas  
E ao fado peço favores;  
Sigo a lei dos cantadores,  
A guitarra dá-me alentos;  
E, se vivo de tormentos,  
A cantar esqueço as dôres.

Nascendo, a chorar me puz,  
Não tive o que todos têm;  
Faltou-me um beijo de mãe,  
Pois morreu ao dar-me á luz:  
Cresci, e pesada cruz  
Sôbro meus hombros senti,  
Tive amores que perdi;  
Do ciume ardi nas fragoas.  
E não sei contar as maguas  
Que n'esta vida soffri!

D'estes meus olhos mortaes  
O pranto correu a jorro,  
E não sei porque não morro  
Ao recordar penas taes!...  
Contra decretos fataes  
Então me fui revoltando;  
E, a minha sorte encarando,  
Eu lhe disse com firmeza:  
A minha propria tristeza  
Eu hei de morrer cantando!

Cruel destino infernal  
Lançou-me a medonha garra;  
Mas basta-me uma guitarra  
Para adoçar o meu mal.  
Reprove o mundo, afinal,  
O caminho que escolhi;  
Guarde qualquer para si  
Melhor prenda que o conforto,  
Que eu, cantando, espero a morte,  
Já que chorando nasci.

VENANCIO.

**A Policia**

Não se deu o comicio do Porto, porque tendo este sido convocado para protestar contra a policia, foi a policia que encheu a sala da reunião.

N'estes termos, a policia era evidentemente um auditorio com que os promotores do comicio não podiam contar.

Admittindo mesmo, como hypothese de pura imaginação, que a policia não cortasse com os seus terçados o fim aos discursos, nem por isso o comicio estava em termos de realizar-se.

Os comicios offercem de particular a circumstancia de que são convocados para communicar ao espirito de um certo numero de pessoas, um certo numero de verdades, de que ellas de ante-mão estão profundamente penetradas. Nos comicios não ha discordancias. Todos applaudem.

Ora, sendo assim, o comicio do Porto estava fundamentalmente prejudicado—Todos pateavam.





Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

**RESTAURANT PARIS**  
**JOSÉ FERNANDES**  
**SERVEN-SE Jantares de mesa redonda a 600 réis**  
**Serviço de lista a toda a hora**  
**Pratos especiais para celas**  
**Gabinets de 1.ª ordem**  
**65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67**  
**2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4— LISBOA**



**Callista pedicuro**  
**JERONYMO FERNANDES**  
 Empregado da casa Ornellas R. SERPA PINTO, 48, 1.ª  
 (Frente para o Chiado)  
**EXTRACÇÃO de callos e dessecamento de unhas pelos meios modernos e processos até hoje conhecidos.**  
 Ped-se ao publico que visite este consulto: to para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.  
 Das 9 ás 5 da tarde

**PADARIA LUSO VIENNESE**

**Independente das companhias**  
**R. da Oliveira, ao Carmo, 12 a 22**  
**JOSE** Bento Rodrigues, ex-caixeiro e gerente durante 24 annos da padaria que foi do ex.º sr. Estevão Ribeiro da Silva, na calçada do Sacramento, 26, hoje da Companhia Panificação Lisbonense, e Carlos Water, fabricante na mesma casa durante 10 annos do pão de Vienne, para o qual veiu contractado, participam ao respeitavel publico, que satisfazendo os desejos de grande numero de seus fr. gizezes, abre, hoje, ficando a inauguração definitiva para quando esteja concluída a obra no seu deposito L.º do Carmo, 1. 2 e 3.  
 A sua fabrica, situada no centro da cidade e occupando uma arca esp. ciosa, obedecendo em tudo ás condições hygienicas, tanto no que diz respeito ao pessoal, como na laboração e empregando farinha de primeira qualidade, cuidadosamente escolhida, permite-lhes garantir o superior fabrico não só do pão das qualidades ou typos correntes, mas tambem do af. mado Pão de Vienne—pão para diabeticos e dyspepticos—Gresiniere e Turim—muito proprio para almoços e lanches—pão para sandwichs—pão raado e torrado, bolac a de agua e sal, fabrico aperfeiçoado do systema Abraham, e ai da outras qualidades.  
 O moços, evidentemente assados, farão a distribuição em todos os pontos da cidade, tendo no cabaz o districto da padaria.  
 Para fornecimentos a hoteis restaurantes e ca as de pasto, fazem-se contractos especiais.

**SAIÃO MOZART**  
**MONTEJONSEA**  
**PIANOS**  
**ORGÃOS**  
  
 Instrumentos Musicos  
**RUA IVENS-3254**  
**LISBOA**

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**  
**VERÃO DE 1904**

Serviço de banhos e aguas thermaes. Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por 2 mezes com facilidade de ampliação de prazo.  
 Thermas: Cacos, Caldeas d' Rainha e Unhaes da Serra (Tortozendo e Covilhã). Praias: do Furdouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douo, Mattosinhos Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.  
 Desde 1 de junho e até 15 de Outubro de 1904, esta Companhia terá á venda

bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principaes estações para as localidades acima designadas.  
 Aos portadores d'estes bilhetes é concedida a facilidade de net-nção em transito, ampliação de prazo, etc.  
 Para mais esclarecimentos vêr os cartazes affixados nos sitios do costume.  
 Lisboa, 15 de junho de 1904.  
 O D. G. da Companhia Chapuy.

**CASA PORTUGUEZA**  
 Papellaria e typographia

**José Nunes dos Santos**  
 Successor de MANUEL DA SILVA  
 Nº telephonic 220—Endereço telegraphico Papellypo  
**PAPELLARIA** **TYPOGRAPHIA**  
 Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenhos e todos os artigos precisos nas escolas.  
**Papellaria: Rua de S. Roque 139 e 141**  
**Officina typographica: R. das Gaveas, 69 LISBOA**

**ORTHOPÉDIA**

**CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopédicos**  
**DE MANOEL MARTINS**  
 FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.  
**154, Rua da Magdalena, 154-A**  
 (Antiga CALÇADA DO CALDAS, PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA) LISBOA

**Ourivesaria e Relojoaria**  
 com officina amplexa de fabrico e conserto  
  
**FLORINDO**  
 JOIAS COM BILHANTES  
 PREÇOS Limitadissimos  
**38, RUA AUREA, 99**

**BANHOS**  
 DAS afamadass aguas do Poço do Borrattem, conhecida desde 1392 com grande curio nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignatura de 10 banhos—simples ou douches com 20% de desconto e de vapor com 40%. Abre este antigo estabelecimento ás 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.  
**4, Poço de Borrattem, 1.º**

**Taboletas**  
 Em todos os ganhos  
**Francisco Santos**  
**R. Gremio, Luso, 43**

**Casa Africana—R. Augusta, 156**  
 E' o estabelecimento de fazendas e modas que vende—mais barata em Lisboa.

**O Mergulhão authentico**

Eu queria ter de ouro um bom cordão Porém inda hesitava onde comprar-o A' mente me ocorreu o Mergulhão Cento e sessenta e dois, lá em S. Paulo. Entrei, e vi lá centos d'elles, d'estallo, Comprei um logo, e oh! admiração, Uns preços tão baratos, creio que não se veem n'outras casas! um regalo!...  
 Relogios, brinços, broches, «souvenirs» Se tu lembranças d'estas não possuieres Visita aquella casa e te convences  
 Que o Mergulhão é o rei da barateza Em conta, é só quem vende com certeza Vae lá, e que isto é peta tu não penses!  
**Ourivesaria e relojoaria Mergulhão**  
**162, R. de S. Paulo, 162-B**

**GOARMON & C.ª**  
 Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos, Azulejos em Faiança e Cartão, Tijollos em Cimento, Telhas e Escama vidrada, Quadros e ornato—para Chaletes.  
**21—T. do Corpo Santo—Lisboa**  
 Catalogos sob requisição

**STORES DE JUNCO**  
 Fazem-se com lindos desen. os em todas as larguras e por preços sem competencia, e estetas para salas e quart. a, tudo com a maxima perfeição. Encarrega e de encomendas para a provincia e estrange ro. Rua do Azeiteiro, 107.

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**  
**Gaston Piel**  
 Das 9 da manhã ás 5 da tarde  
**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16**

**FATOS em Paletot de 425000 a 250000**  
**FATOS em Frak de 120000 a 320000**  
**FATOS em Sobrecasaca de 160500 a 350000**  
**FATOS em Casaca de 200000 a 300000**  
 na Casa das thesoureas  
**51—Rua da Escola Polytechnica—55**  
**JOSÉ CLEMENTE**



# Chorando a morte de Kruger



Lgrimas de crocodilo